

Cláudia Coutinho

Conhecer Maria Velho da Costa – um acaso mágico

Maria Velho da Costa começa por ser um nome que se cruza comigo numa das listas de autores cujas obras iria estudar no curso de mestrado em Literatura Portuguesa, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, corria o ano de 2001. Já não consigo precisar se foi na cadeira de Literatura Comparada, ministrada pelo Professor Manuel Gusmão, ou numa das várias cadeiras que fiz com a Professora Paula Morão, minha querida orientadora da tese, que li o nome da autora e o título do seu mais recente romance de então, *Irene ou o Contrato Social*.

Lembro-me de pegar em *Irene* e não perceber nada do que estava a ler e ter de recomeçar a leitura novamente, uma e outra vez até começar a fazer sentido, até conseguir familiarizar-me com aquela dicção literária tão fragmentária e polifónica, com aquela protagonista habitada por vozes e fantasmas, tudo tão diferente do que tinha lido até ali. Os meus tiques de leitora disciplinada, sublinhadora, e hermeneuta convicta eram constantemente frustrados por não ter à mão as ferramentas de que necessitava para desmontar aquela teia que tinha tudo para ser compreensível e não o era, para mim.

Com *Irene ou o Contrato Social* e depois com toda a obra de Maria Velho da Costa, que li de fio a pavio, percebi que ler esta autora pressupõe uma abertura do espírito à novidade, ao experimental, à contaminação de géneros, à polifonia e à poliedria, à intertextualidade e às relações de parentesco entre textos nem sempre completamente identificáveis. Ler cada um dos seus textos constitui um desafio inusitado, uma atenção inaugural, uma viagem para a qual normalmente não estamos preparados, já que a sua escrita se apresenta a quem a lê como uma morada secreta para dentro da qual se entra por um pórtico iniciático. Cada obra, publicada com grandes intervalos de tempo entre si, é fruto de uma gestação lenta, de um lume brando, que dá origem a contínuas inovações estilísticas, palimpsestos de vozes, de tempos, de obras... Cada romance exige/entrega ao leitor um manancial de leituras dos clássicos, da cultura erudita e popular, que nem todos temos e, por isso, não é uma obra que possa chegar facilmente a multidões...

Consciente do desafio que tinha pela frente, decidi dedicar a minha tese de mestrado a *Casas Pardas*, talvez a obra mais experimental de todas as obras de Maria Velho da Costa. Segui o rasto da escrita, li e reli, sublinhei, pesquisei, intuí, descobri, esgravei o texto até onde consegui. Fiz o mesmo a toda a obra publicada de MVC, a literária e a ensaística, as tradu-

ções, as colaborações com outros autores, tudo. Acho que, naquela altura, conhecia melhor a obra do que a própria autora...

Tinham passado dois anos sobre a leitura de *Irene ou o Contrato Social*, quando a revista do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), *Textos & Pretextos*, da qual eu fazia parte, decidiu dedicar o seu número 3 a Maria Velho da Costa. E foi nesse contexto editorial que se deu o meu contacto pessoal com a escritora.

Uma certa manhã ou tarde, já não sei, lá fomos, o João Ribeiro e eu, ao Bairro do Alto da Ajuda, bater à porta de Maria Velho da Costa com um lindo ramo de rosas vermelhas numa mão e um monte de perguntas na outra. A escritora recebeu-nos com toda a simpatia e afeabilidade. Conduziu-nos ao jardim das traseiras da casa, o British Quintal, onde nos deu o prazer de responder às nossas questões durante cerca de duas horas, creio. As perguntas procuravam saber mais acerca dos rituais da sua escrita, da sua família literária, dos seus temas mais recorrentes, dos projetos para o futuro. As suas respostas foram demoradas, refletidas, sinceras, dadas com paciência e generosidade. Naquele momento, vivi a sorte e o privilégio de poder fazer à autora as perguntas que queria sobre a sua obra, a obra pela qual eu estava tão apaixonada, que me ocupava as noites e os dias, que me ajudava a ler a minha própria vida de outra maneira. A timidez impediu-me de lhe dizer o quanto a admirava, o quanto a sua escrita era importante para mim, o quanto aquele contacto era mágico e representava a concretização de um sonho que nunca tivera a coragem de ter. Despedimo-nos.

Voltei a ver Maria Velho da Costa mais uma ou duas vezes, não consigo precisar, por ocasião do lançamento da revista na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Terminei a minha tese, mas nunca tive coragem de lhe enviar pessoalmente. Penso que a leu. Gostaria muito que a tivesse lido. Continuei a acompanhar a sua obra. Continuo a sublinhar os seus livros e, quando me pedem para falar de literatura, falo sempre dela. É uma figura tutelar na minha vida. Tê-la conhecido pessoalmente foi um acaso mágico que guardarei sempre na memória como uma reverberação de luz, a passagem de um cometa, um privilégio que não esperava ter.

Agora que Maria Velho da Costa partiu, fica um vazio, um silêncio. Devemos, no entanto, alegrar-nos, porque nos deixa um legado imenso que nos enriquece na medida em que o desejarmos e permitirmos. A sua palavra, a sua voz, o seu imaginário, o seu modo de dizer continuarão a ser ímpares, a desbravar caminhos, a estilhaçar sentidos. Maria Velho da Costa não partiu, é eterna. Ponto.